



CHINA, EXTRATIVISMO E DESINTEGRAÇÃO: AMÉRICA DO SUL (2000-2018)

CHINA, EXTRACTIVE AND DISINTEGRATION: SOUTH AMERICA (2000-2018)

Jackson Francisco de Lima Xavier¹

Resumo

Esse ensaio tem por objetivo analisar os efeitos da expansão econômica da China sobre o processo de Integração comercial da América do Sul nas primeiras décadas do século XXI. Isso é feito por meio da análise de índices estatísticos que evidenciam a estrutura hierárquica da economia regional e o nível de interação comercial intraregional, correlacionado à pauta exportadora da região. Por fim, problematiza-se o Efeito Chinês sobre a região.

Palavras-chave: Economia Sul-americana; Integração Comercial; Economia Chinesa; Extrativismo.

Abstract

This essay aims to analyze the effects of China's economic expansion on the South American trade integration process in the first decades of the twenty-first century. This is done by analyzing statistical indices that show the hierarchical structure of the regional economy and the level of intraregional trade interaction, correlated with the region's export pattern. Finally, the Chinese Effect on the region is problematized.

Keywords: South American economy; Business Integration; Chinese Economy; Extractivism.

¹ Graduado em Ciências Econômicas - Economia, Desenvolvimento e Integração - pela Universidade Federal da Integração Latino Americana, Instituto Latino Americano de Economia, Sociedade e Política. E-mail: jacksonflxavier@gmail.com



1. Introdução

A integração política e econômica Sul-americana é uma estratégia geopolítica fundamental a essa região periférica no sistema capitalista mundial contemporâneo. Ao considerarmos que o atual contexto internacional do século XXI é fruto de um processo de expansão do poder político e econômico desde os Estados nacionais europeus, que terminou na formação de um sistema interestatal em que uns Estados são mais poderosos e ricos que outros e que aqueles Estados nacionais que não possuem estratégias de expansão de seu poder político e econômico serão jogados de um lado para o outro por aqueles Estados que sim a possuem, podemos entender porque a estratégia de Integração Regional é tão cara à América do Sul. Esta é uma alternativa estratégica Estatal para a ampliação de sua autonomia externa e potencializadora do desenvolvimento econômico e social internos. Isso seria possível por meio da divisão regional do trabalho, onde os Estados mais desenvolvidos institucionalmente e economicamente, liderassem o desenvolvimento dos Estados menos desenvolvidos ao integrarem-se política e economicamente a estes; transferindo-lhes capital via investimentos e exportações e importando-lhes tudo que a economia líder demandar (Severo, 2015).

Diante disso, analisaremos, nesse ensaio, como a recente posição de destaque das políticas econômicas externas Chinesas, no sistema internacional, têm afetado negativamente a possibilidade da construção desse espaço estratégico na América do Sul que consideramos acima. Para tal, faremos uma análise das características mais recentes na hierarquia do sistema internacional, para então falarmos da china e seu efeito sobre a América do Sul e seu processo de integração econômica comercial.

2. Estrutura Internacional: 1990-2014

Pérez-Oviedo *et al* (2018) fizeram uma análise da hierarquia internacional por da formulação de índices estatísticos feitos a partir das receitas geradas via exportação e importações entre países dentro do sistema global de comércio. Com esse método aplicado a nível global, indica-se que os países com maior peso econômico/comercial na rede de comércio Sul-americano, depois dos EUA e China, são Brasil, Colômbia, e Argentina.

Os EUA e China são, portanto, os dois países com maior influência sobre a região. Os EUA tem maior influência sobre Colômbia, Equador e Venezuela – a China fica em segundo plano. Os países mais influenciados pela China são Chile, Peru e Uruguay.

O Brasil fica em terceiro lugar e desempenha papel de subcentro. O Brasil tem mais peso comercial sobre a Argentina, Bolívia, Paraguay, e algum peso sobre Chile, Peru e Venezuela, ficando atrás dos EUA e China; o Brasil também tem alguma relevância na Colômbia e Equador. O Brasil por sua vez é influenciado econômica/comercial, de maneira



mais relevante, tanto dos EUA quanto da China, por outro lado influencia quase nada estes dois. Portanto, o Brasil consolidou-se regionalmente como país central dentro de sua região².

Como resultados do método supracitado, Pérez-Oviedo et al (2018), revelam que nenhum país Sul-americano pode ser considerado, no período estudado, parte do centro nas redes de comércio global. Atualmente esta região mostra dependência aos países centrais e ao mesmo tempo possui fracos elos comerciais intra-regional, assim como outros países que fazem parte da rede comercial; até mesmo o Brasil, por exemplo, que é considerado um “subcentro” regional. Não obstante, os esforços de integração regional deste século (XXI) foram importantes na tentativa de tornar a região parte relevante no comércio mundial. Isso, especialmente pelo papel, embora limitado, da economia brasileiro sobre a economia de seus sócios (Fiori, 2011; Barros e Ramos, 2013).

2.1 Coesão Econômica dos Blocos Sul-americanos: baixo valor agregado vs. Alto valor agregado

Essa posição chinesa dentro da economia da América do Sul, no século XXI, surge como um elemento de reforço da lógica extrativista desta região, que foi inserida na divisão internacional do trabalho como fornecedora de mercadorias de baixo valor agregado e intensiva em força de trabalho em seu sistema produtivo. Uma condição material que historicamente limitou o desenvolvimento interno desses Estados periféricos e ampliou sua vulnerabilidade e constrangimento externos. E ao reforçar-se esta lógica neste século, o processo de integração regional pode ser enfraquecido, isso por conta da correlação negativa entre especialização produtiva em mercadorias de baixo valor agregado e desintegração regional. Ou seja, as interações econômicas intraregionais, especialmente a comercial, se reduzem com tal especialização.

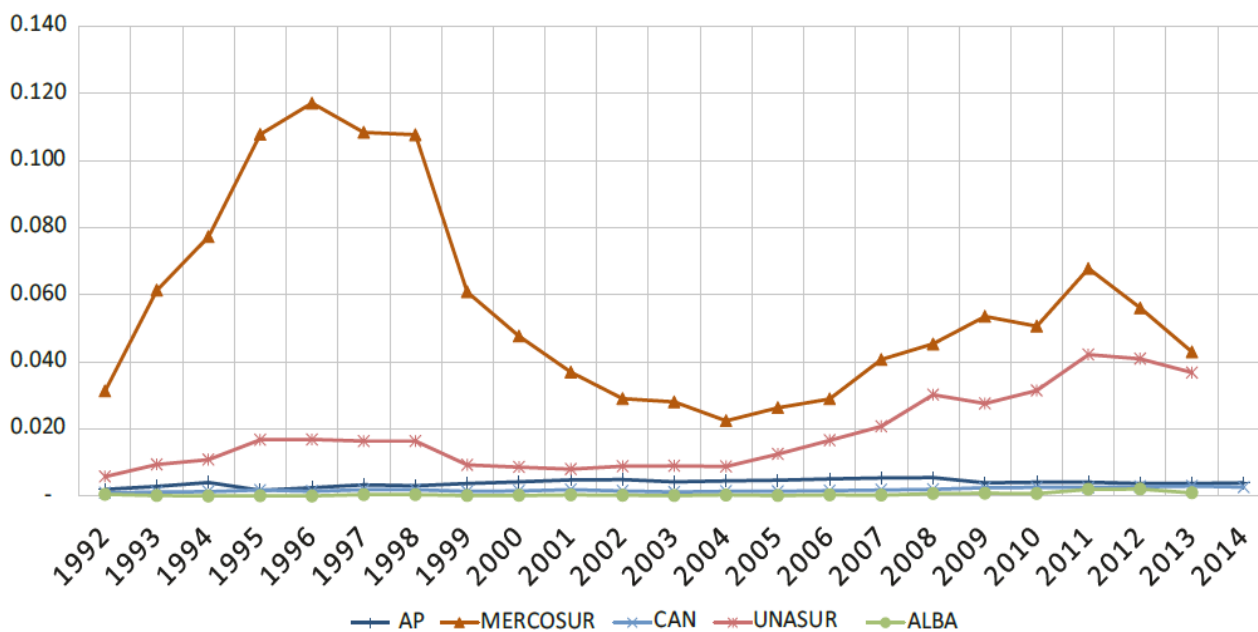
Pérez-Oviedo et al (2018), apresenta em seu trabalho índices³ de coesão para avaliação da integração regional. O seguinte gráfico ilustra o nível de coesão interna dos principais blocos regionais da América do Sul entre 1992 – 2014; baseado nas receitas geradas dentro do bloco e deste com o resto do mundo.

² “Based on Brazil’s relevance in South America and its asymmetric commercial relevance with core countries, it can be considered to be a regional “sub-core”. Also, based on the commercial relevance of Brazil and Argentina (the two largest economies in the region), we concur with Schenoni (2014) who stated that: “[...] through the historic process of a Brazilian-Argentinian bipolarity to their current state [...] we can conclude that for the second lustrum the South American subsystem will turn into a unipolar system given that the regional power of Brazil was three times larger than that of Argentina.” It is also interesting to note that the South American country most influenced by Brazil and Argentina is Bolivia, which has been increasingly influenced since 2000. Consequently, Bolivia seems to be more oriented toward the Atlantic Ocean now, and therefore, its integration into the MERCOSUR (achieved in 2016) makes sense” (Pérez-Oviedo et al, 2018, p.127-128).

³ “The processes of regional integration are evaluated using the cohesion index (see Pérez-Oviedo et al. 2016) calculated for each block. This index is calculated as the ratio between the strength of income interactions within members of each group and the income interactions between the group and the rest of the world ...” (Pérez-Oviedo *et al*, 2018,p.134).



Gráfico 1: Coesão dos Blocos Regionais



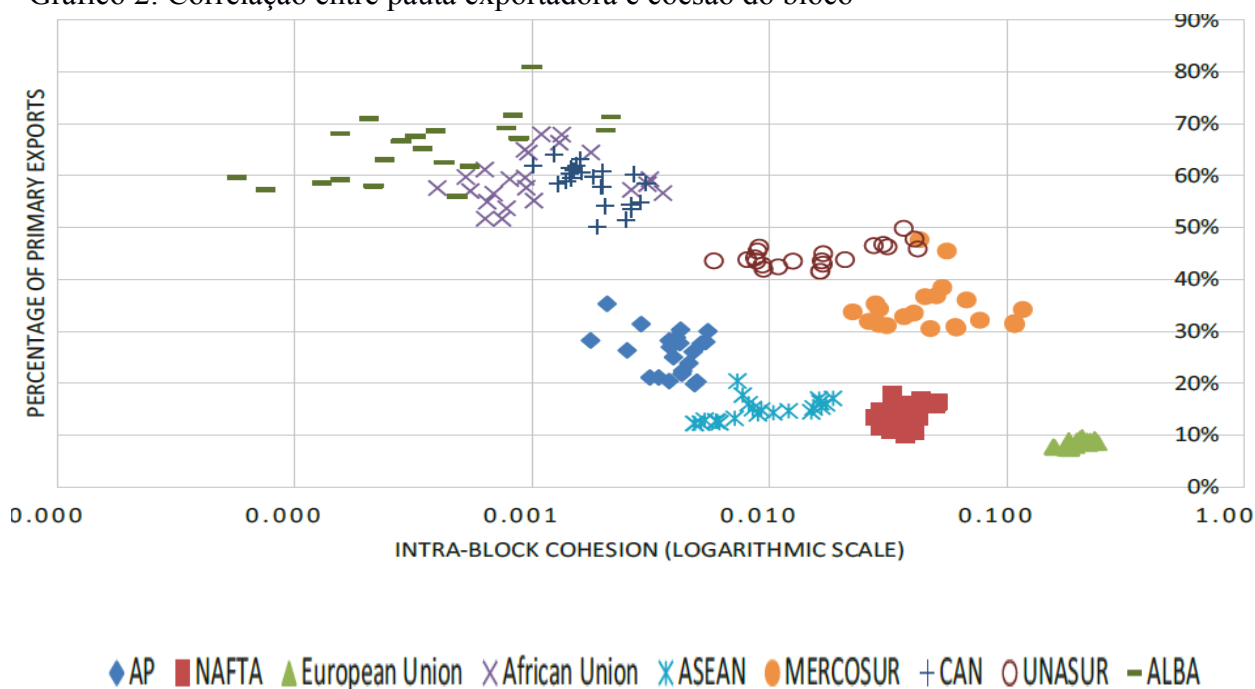
Fonte: Pérez-Oviedo et al, 2018, p.134.

Embora as interações comerciais do MERCOSUL, dentro do bloco e do bloco com o resto do mundo, tenham se reduzido desde 2011, exibe-se acima como o bloco com maior força econômica de integrar a região sul-americana, devido sua pauta comercial mais industrializada.

Vale considerar aqui a importância do Brasil como a maior economia do Bloco e o país mais influente sobre a região. Isso tem a ver com a maior ou menor participação de produtos primários ou manufaturados na balança comercial de cada bloco. Abaixo segue um gráfico que ilustra a correlação entre o grau de coesão de cada bloco e a porcentagem de produtos primários sobre as exportações.



Gráfico 2: Correlação entre pauta exportadora e coesão do bloco



Fonte: Pérez-Oviedo et al, 2018, p.135

Demonstra-se que, quanto menos dependente das exportações de produtos primários, maior a coesão interna do bloco e maior sua participação no comércio internacional, por outro lado, quanto maior o papel da esfera produtiva de produtos primários na economia, menor a coesão interna do bloco e menor sua participação no comércio internacional.

3. China e Seus Efeitos

Contudo, as atuais tendências regionais vão na contramão dessa correlação positiva, em favor da negativa. Ao passo que se acirra a competição econômica e política entre as grandes potências em sua busca por fontes de recursos estratégicos, especialmente abundantes na América do Sul. Esta tem voltado priorizar exportação de produtos primários em sua pauta exportadora,

Isso desde que a China vem ascendendo no sistema internacional. E, vista acima a correlação entre a pauta exportadora e a coesão dos blocos, mostra-se importante tratarmos das tendências regionais mais recentes de desindustrialização e fortalecimento do extrativismo nas primeiras décadas do século XXI e suas possíveis ameaças para o futuro da integração sul-americana no que diz respeito ao aprofundamento do processo via divisão regional do trabalho, inovação técnica e aumento da produtividade.

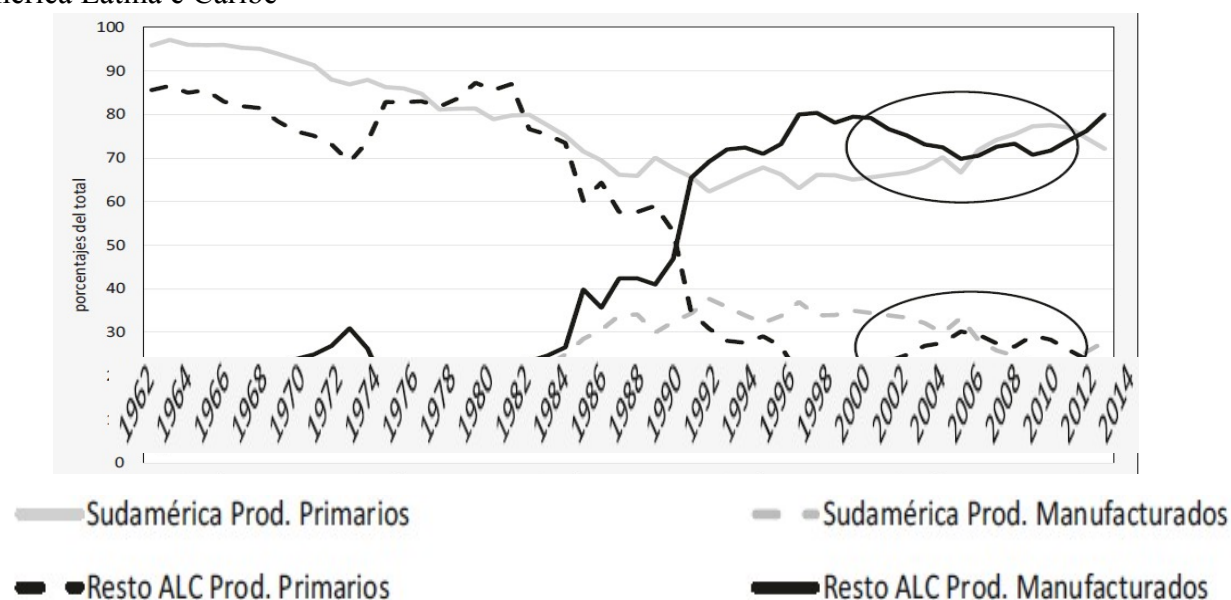


3.1 O Caminho de Uma Crise

Portanto, vistas às relações econômicas entre os Estados no sistema internacional e na América do Sul, assim como do processo de integração regional, destacam-se os elementos externos que influenciaram significativamente esta fase do regionalismo: a alta dos preços das commodities e o posicionamento da República Popular da China como um dos mais novos e importantes polos de influência internacional. São fenômenos coincidentes com a busca regional por capitais para financiamento da expansão econômica capitalista. Os governos latino-americanos conseguiram acumular divisas por meio de exportações de produtos primários, redução dos preços internacionais de mercadorias manufaturadas e por novas fontes de recursos (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Estados Unidos da América, China) (Stanley e Alonso, 2018). Não obstante, o cenário favorável as exportações de commodities se reverteu gerando sérios problemas aos países da América do Sul.

Desde 2003 o preço das commodities teve alta, revertendo-se em 2009 e colapsando em 2012. Consequentemente (de acordo com dados da UNCTADStat), entre 2003 e 2012, o valor unitário das exportações da América Latina cresceu acima das importações, melhorando em 42% os termos de troca na região e 70% na América do Sul (Estay, 2018,p.60). Tendencialmente, houve valorização da atividade extrativista.

Gráfico 3. Porcentagem da Composição das Exportações da América do Sul e do Resto da América Latina e Caribe



Fonte: CEPAL, Base de Datos Del Comercio Exterior, em Estay, 2018,p.62

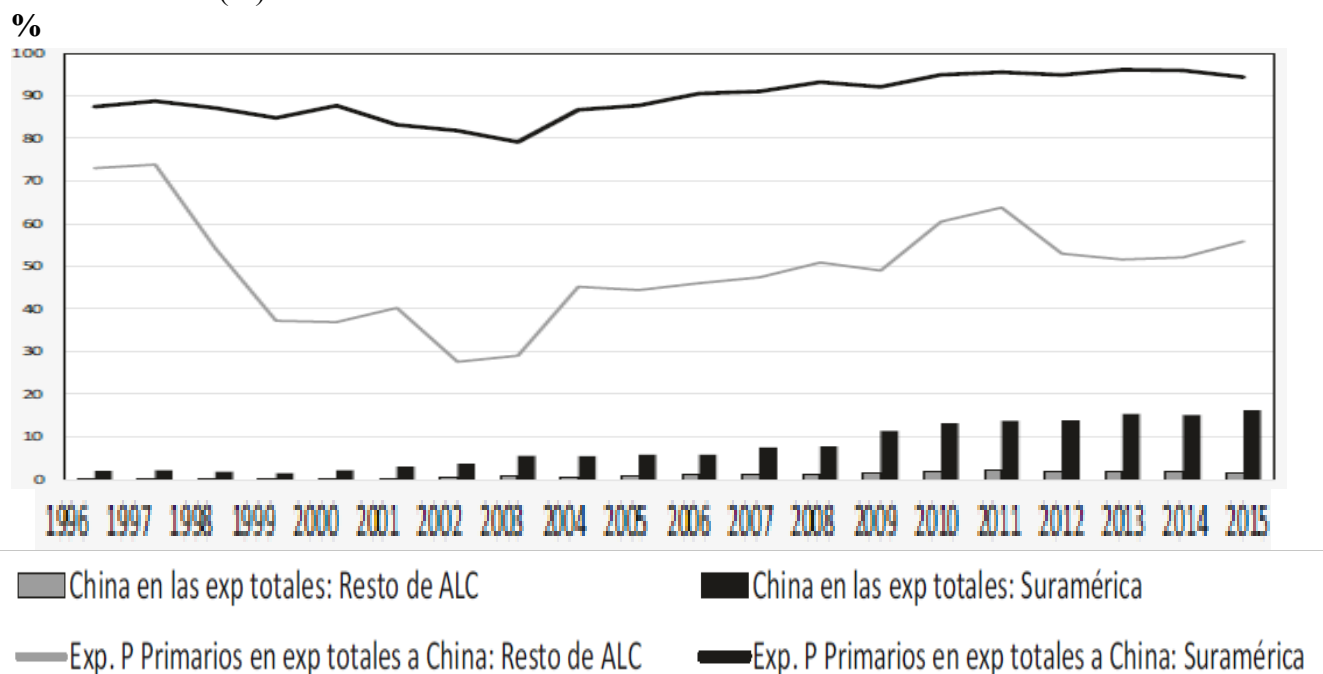


Os preços internacionais elevados das commodities favoreceu a produção e exportação de produtos primários, ampliando as atividades extrativistas e sua participação na atividade econômica dos diferentes países como um todo (Estay, 2018). No gráfico seguinte é possível observar maior participação das commodities no total das exportações desde 1993, na América Latina como um todo, contra a tendência nas décadas anteriores de elevação das exportações de manufaturados.

Para a maioria das décadas analisadas (do desenvolvimentismo), menos entre 1979 a 1983, os produtos primários, no total das exportações, compõe maior parcela na América do Sul; se comparado ao resto da região latino-americana. Esta diferença regional foi ainda maior nas últimas décadas, pois o crescimento das exportações de manufaturados do México para os Estados Unidos da América cresceram no setor das maquilas e montadoras (Estay, 2018, p.61).

No próximo Gráfico, observa-se que a participação da China nas exportações totais da América do Sul aumentou cerca de 3% no início deste século (XXI) e em mais de 15% de 2013 a 2015. Por outro lado, as exportações do resto da região para a China não excederam 2% de suas exportações totais. Nos 20 anos observados abaixo, a maior parte das exportações da América do Sul para a China eram produtos primários, ampliando a tendência desde 2003, representando cerca de 95% do total das exportações para este país desde então (Estay, 2018,p.62).

Gráfico 4: Exportações Totais e Primárias para a China, desde Sul-americana e Resto da América Latina (%)



Fonte: UNCTAD, Base de dados UNCTADStat, em Estay, 2018,p.63



Uma última consideração que levantaremos, sobre essa dinâmica comercial orientada pela China sobre a América do Sul, é que esta estaria, contraditoriamente, favorecendo conjuntamente o Sul-americanismo, favorável politicamente à estratégia de integração econômica, mas comprometendo-o estruturalmente, pois

[...] há vantagens para a América do Sul, que algumas vezes projeta sobre as relações com Pequim mais possíveis soluções do que eventuais inconvenientes. Sem dúvida, a China tencionou para cima o preço dos produtos primários que compra e empurrou para baixo o preço dos produtos manufaturados que vende. Houve, assim, até cerca de 2011, uma considerável reversão da deterioração dos termos de intercâmbio em quase todos os países sul-americanos. Em algumas economias a melhora foi mais acentuada, como na Venezuela, no Chile, no Peru e na Bolívia. Em menor grau, Colômbia, Argentina e Equador também se beneficiaram (ROSALES & KUWAYAMA, 2012, p.74). Em última instância, a intensidade das melhorias está relacionada com as chamadas tipologias das economias primário-exportadoras, apresentadas há meio século por Celso Furtado (1970, p.61-65).

No entanto, dependendo de como se utilizem os recursos, as exportações de primários e os investimentos externos da China também podem contribuir para petrificar o padrão de especialização produtiva da região. Os países pouco industrializados podem ver-se estimulados a aprofundar a sua condição primário-exportadora, cada vez mais vinculada ao sudeste asiático. Por sua vez, os países mais industrializados, com a perda de espaço na região e inclusive dentro de seus próprios mercados internos, podem sofrer processos de desindustrialização. Portanto, a situação se complica nas duas pontas. A economia chinesa se torna a maior importadora e a maior exportadora. (Severo, 2018, p.6).

4. Considerações Finais

Os elementos destacados ao longo deste ensaio foram levantados para analisarmos os efeitos da expansão econômica da China sobre o processo de Integração comercial da América do Sul nas primeiras décadas do século XXI.

Destacamos a princípio que a estratégia de integração regional para a América do Sul é fundamental. Isso por ser esta uma região periférica, fortemente afetada pelos reveses do sistema internacional, liderado por países centrais. Por isso, a América do Sul pode encontrar na integração econômica regional os caminhos para maior autonomia externa e desenvolvimento interno dos Estados integrados.

Vimos índices estatísticos que evidenciam a estrutura hierárquica da economia regional e o nível de interação comercial intraregional, que está correlacionado à pauta exportadora da região. Vimos que o MERCOSUL é o bloco econômico mais coeso da América do Sul, assim como a UNASUAL. Isso ocorre pelo maior nível de valor agregado às mercadorias comercializadas dentro do bloco e deste com o resto do mundo; o Brasil é o Estado líder deste processo, devido o maior desenvolvimento de sua força produtiva interna e sua dimensão geográfica.

Por fim, problematizamos o efeito Chines sobre a economia regional. Vimos que a América do Sul aprofundou suas relações comerciais com a China, especialmente na segunda



década deste século. Este aprofundamento comercial tem contribuído para a reafirmação estrutural da América do Sul, tradicionalmente inserida no sistema internacional como região primário exportadora. Portanto, podemos considerar que a recente posição de destaque das políticas econômicas externas Chinesas, no sistema internacional, têm afetado negativamente a construção de um espaço estratégico para os Estados da América do Sul.

Referências

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Brasil como potência regional e a importância da América do Sul na sua política exterior**. Revista Temas & Matizes MERCOSUL , Nº 14, 2008.

BATISTA JR., P.N. **O Plano Real à Luz das Experiências Mexicana e Argentina**. Estudos Avançados. São Paulo: nº 28, setembro/dezembro de 1996.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. **A economia política da integração da América do Sul no mundo pós-crise**. Observatório da Economia Global. Textos avulsos, nº 10, abril 2012.

CARR, Eduard Hallett. **Vinte anos de crise 1919-1939. Uma introdução ao Estudo das Relações Internacionais**. Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

CERVO, A.L. **Política Exterior e Relações Internacionais do Brasil: Enfoque paradigmático**. Rev. Bras. Polít. Int. 46 (2): 5-25 [2003].

CHANG, H.J. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. Tradução: Luiz António Oliveira de Araújo. UNESP: São Paulo, 2004.

CIMINARI, Bárbara. **Brasil como potencia regional y las consecuencias para América Latina: Una exploración sobre la realidad**. **Revista de Relaciones Internacionales y Ciencias Políticas**. Universidad Abierta Interamericana (UAI). Vol 3 - Nº 1, pp. 128-143, Junio 2009.

COSTA, Darc Antonio da Luz . **Idéias para uma Concepção Estratégica: A Defesa Nacional e o Projeto Nacional**. Seminário Política de Defesa para o Século XXI. Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional. Câmara de Deputados, Brasília, 2002.

_____. **Fundamentos para o estudo da Estratégia Nacional**. Gusmão: Paz e Terra 2009.

EICHENGREEN, B. J. **A globalização do capital: uma história do sistema monetário internacional**. In: Barry J. Eichengreen; tradução de Sergio Blum. Ed.34. São Paulo: ,2000. 288



ESTAY, JAIME. **Past and Present of Latin American Regionalisms, in the Face of Economic Reprimarization.** In: International Political Economy Series. University of Massachusetts Boston, USA, 2018 (p.47-77)

FURTADO, C. **A Economia Latino-Americana: Formação Histórica e Problemas Contemporâneos.** Editora Nacional: 1986, São Paulo.

FIORI, J. L. **Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações.** 3a Edição, Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

_____. **A propósito da “Construção interrompida”.** Campinas: Economia e Sociedade, 2000. p.1-19.

_____. **O poder global e a nova geopolítica das nações.** Bom tempo: São Paulo, 2007.

_____.(2007b). **Nicholas Spykman e a América Latina.** Le Monde Diplomatique. Novembro, 2007.

_____. **PREFÁCIO AO PODER GLOBAL.** Revista tempo do mundo | rtm | v. 2 | n. 1 | abr.2010.

_____. **Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana.**

Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2011. (**Textos para Discussão CEPAL/PEA**, 42). 34p.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Prefacio do livro “**Conflicto e integración en América del Sur: Brasil, Argentina y EEUU**”, de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

JAGUARIBE, Hélio. **El Brasil y la América Latina.** In: **Estudios Internacionales,** Chile, Vol. 8, nº 29, enero – marzo.1975.

_____. **Brasil, mundo e homem na atualidade.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

KENNEDY, Paul. **Auge y caída de las grandes potencias.** Barcelona: De bolsillo, 2006.

MALAMUD, Andrés. **Interdependência, liderança e institucionalização: o deficit triplo e as perspectivas negativas para o MERCOSUL.** In: RESENDE, Erica Simone Almeida &

MALLMANN, Maria Izabel. **MERCOSUL 21 anos, maioria ou imaturidade.** Curitiba: Appris, 2013.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **Modelos alternativos para la integración sudamericana.** In: **Integración regional en América Latina: desafíos y oportunidades.** Monografía - Red del Instituto Virtual, UNCTAD: Nova Iorque e Genebra, 2010.



NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PADULA, Raphael. **Integração regional de infraestrutura e comércio na América do Sul nos anos 2000: uma análise político estratégica**. Tese de Doutorado, COPPE-UFRJ: Rio de Janeiro, 2010.

_____. **A Geopolítica da Bacia do Pacífico e a integração regional na América do Sul**. Revista IMEA, Vol. 1, Num. 2, pp.30-47, 2013.

PARADISO, José. **“Política e Integración”**. Segundo Encuentro de Pensamiento Político: “Pensar la política, un desafío en la tarea de educar”. La Plata, 2009.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Manual do Candidato: política internacional**. Brasília: FUNAG, 2012.

PÉREZ-OVIEDO, Wilson; CAJAS-GUIJARRO, John; VALLEJO, María Cristina. **South America: Trade and Integration in the New Global Trade Network**. In: VIVARES, E. **Regionalism, Development and the Post-Commodities Boom**. South America, International Political Economy Series. USA, PALGRAVE MACMILLAN, 2018, pp.121-147.

PREBISCH, Raúl (1982). “El Mercado Común Latinoamericano”. In: GURRIERI, Adolfo. **La Obra de Prebisch en la CEPAL**. México: Fondo de Cultura Económico.

PUNTIGLIANO, A.R; BRICEÑO-RUIZ, J **Resilience of Regionalism in Latin America and the Caribbean Development and Autonomy**. International Political Economy Series, PALGRAVE MACMILLAN, 2013, UK.

QUILLICONI, C; SALGADO ESPINOZA, R. **The South American Regionalisms: A Shift or the Return of Economic Integration?** International Political Economy Series. University of Massachusetts, Boston/USA, 2018.

RIVAROLA PUNTIGLIANO, Andrés; BRICEÑO-RUIZ, José. **Resilience of Regionalism in Latin America and the Caribbean Development and Autonomy**. International Political Economy Series. UK: PALGRAVE MACMILLAN, 2013.

_____. **Geopolitics and Integration: A South American Perspective**. Em: RIVAROLA PUNTIGLIANO, Andrés; BRICEÑO-RUIZ, José. **Resilience of Regionalism in Latin America and the Caribbean Development and Autonomy**. International Political Economy Series. UK: PALGRAVE MACMILLAN, 2013, pp. 19-52.

_____. **21st century geopolitics: integration and development in the age of ‘continental states’, Territory, Politics, Governance**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/21622671.2016.1220867>>.



SEVERO, L. W. **Integração Econômica e Desenvolvimento da América do Sul: o Brasil e a desconstrução das assimetrias regionais.** Tese de doutorado - UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

_____. **Breve análise sobre as recentes travas do processo de Integração da América do Sul.** In: SARTI, Ingrid (Org.). *Sul Global e Integração Regional: A política externa Brasileira (2003-2015)*. Editora UFRJ, 2018. No prelo.

SHANKAR JHA, P. **The Twilight of the Nation State Globalisation, Chaos and War .** Pluto Press: London , 2006.

SICSÚ, João; PAULA, Luiz Fernando de; RNAUT, Michel. **Por que novo-desenvolvimentismo?** Revista de Economia Política, vol. 27, nº 4 (108), pp. 507-524 outubro-dezembro/2007.

STANLEY, L. E; ALONSO, J.M.F. **The Changing Problem of Regional Development Finance in Latin America.** In: *Regionalism, Development and the Post-Commodities Boom in South America*, International Political Economy Series. University of Massachusetts Boston, USA, 2018 (p.101-121).

SOUZA, N.A. **Ascensão e Queda do Império Americano.** CPC-UMES/Mandacaru: 2001, São Paulo.

_____. **Economia Internacional Contemporânea: da Depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008.** Atlas: 2009, São Paulo.

_____. **América Latina: as Ondas da Integração.** OIKOS: Rio de Janeiro, Volume 11, n. 1, 2012. págs. 90-129. <www.revistaoikos.org>.

SOMBRA SARAIVA, J. F. **O Brasil e a Integração Hemisférica: vertente histórica.** In: *Em Aberto: Brasília*, ano 15, n.68, out. /Dez. 1995.

VILLABOY, S.G. **Nueva historia mínima de América Latina: Biografía de un continente.** In: *Archivo General de la Nación (Vol. CCXXV)*. Santo Domingo, 2015

VIVARES, E. **The IPE Puzzle of Regional Inequality, Instability, and the Global Insertion of South America.** In: *International Political Economy Series*. University of Massachusetts Boston, USA, 2018.

XAVIER, J.F.L. **Fases de Integração e o Século XIX.** XVI Congresso Internacional Fomerco. Salvador/Bahia, 2017. <http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1503804282_ARQUIVO_OndasdeIntegracaoeosec.XXI.pdf>.

_____. **América do Sul: variações no Padrão Econômico Internacional e Fases de Integração.** ESPIRALES, Revista para a integração da América Latina e Caribe. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/123456789/4010>>.



REVISTA ORBIS LATINA
ISSN: 2237 6976



página 170

_____. **Regionalismo Sul-americano:** A terceira fase de integração. Novas Edições Acadêmicas, 2018. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/329452785_Regionalismo_Sul-americano_A_terceira_fase_de_integracao_South_American_Regionalism_The_third_phase_of_integration>.

Recebido em 13/12/2018
Aprovado em 22/05/2019